

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO, DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

MARLUCE DANTAS DA SILVA BARBOSA

VENCENDO DESAFIOS

**NATAL/ RN
2015**

MARLUCE DANTAS DA SILVA BARBOSA

VENCENDO DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso –
Memorial de Formação - apresentado ao
Instituto de Educação Superior Presidente
Kennedy, como parte dos requisitos para
obtenção de Título no curso de Pedagogia -
Licenciatura

Orientador(a): Profa Esp. M^a Suely Rocha
Rodrigues

**NATAL/ RN
2015**

MARLUCE DANTAS DA SILVA BARBOSA

VENCENDO DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação - apresentado ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, como parte dos requisitos para obtenção de Título no curso de Pedagogia - Licenciatura, analisado e aprovado pela Banca Examinadora, formada pelos professores:

Prof (a) Formador(a) Esp Denilton Silveira de Oliveira - IFESP

Prof (a) Formador (a) Ms Tereza Cristina Bernardo da Câmara – IFESP

Prof (a) Orientador(a) Esp M^a Suely Rocha Rodrigues - IFESP

Natal, 27 de Agosto de 2015.

Dedico este Memorial de Formação à minha família que sempre me apoiou, deu-me força para que eu enfrentasse minhas fraquezas, ânimo quando me sentia abatida, atenção para os meus lamentos e me encorajou a seguir em frente, a vencer desafios.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me oportunizado a realização deste sonho.

Ao meu esposo Edson Januário Barbosa e minhas filhas, Ellen e Esther, pela compreensão e apoio.

Aos meus irmãos e amigos pelo incentivo.

À Iliane da Silva Barbosa, por sua participação direta e palavras de encorajamento.

Aos meus pais, Antônio Dantas da Silva e Luzia Enedino da Silva Dantas, que sempre me apoiaram ante às adversidades da vida e sempre acreditarem em mim.

Aos professores formadores do IFESP.

Ao colegiado desta instituição que por sua aprovação me possibilitou a permanência no curso.

À Maria Coeli Mollick por seu apoio, motivação e encorajamento.

À minha professora orientadora Maria Suely Rocha Rodrigues que me auxiliou na construção deste trabalho.

Aos professores Denilton Silveira de Oliveira e Tereza Cristina Bernardo da Câmara, que aceitaram a realização da leitura e avaliação deste trabalho;

A todos, minha sincera e singela gratidão.

Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei.

(FREIRE, 1996, p. 106)

RESUMO

Este Memorial de Formação é uma autobiografia narrada e refletida. Neste texto relato fatos importantes de minha infância; minhas primeiras aprendizagens; a trajetória estudantil, desde a pré-escola, passando pela minha profissionalização até a formação acadêmica, realizada no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP. Início a escrita resgatando as lembranças da infância e dos momentos inesquecíveis vividos com minha família e amigos, lembrados com muita saudade. Em seguida, discorro sobre minha escolarização até a formação no Magistério, desde meu processo de aquisição da leitura e escrita às dificuldades enfrentadas com a aprendizagem dos conhecimentos escolares, pontuando minha excessiva timidez. Também destaco as experiências de minha profissionalização, meu ingresso no curso de Pedagogia, no IFESP, sendo este, um marco em minha formação pessoal, intelectual e profissional. Além de tudo isso, eu enfatizo a importância da reflexão em contexto educacional, para que ocorram transformações nas práticas educativas, também minha esperança na educação brasileira.

Palavras-chave: Educação. Memorial de Formação. Pedagogia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MINHA INFÂNCIA E PRIMEIRAS APRENDIZAGENS	10
3 ESCOLARIZAÇÃO(DA ALFABETIZAÇÃO AO MAGISTÉRIO)	16
4 PROFISSIONALIZAÇÃO	31
5 CURSO DE PEDAGOGIA NO IFESP (2011-2015)	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Este Memorial de Formação tem como finalidade descrever de forma contextualizada, minha trajetória de vida estudantil, profissional e acadêmica de maneira reflexiva. Resumidamente, o Memorial de Formação é “uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 61).

Escrevê-lo, significou para mim, (re)conhecer minha própria história de vida detalhadamente, alguns fatos que não conhecia tal como: a série em que comecei a ler e escrever. Segundo minha primeira professora, eu fui alfabetizada ainda no período em que estava no pré-escolar.

Durante o registro desse trabalho de conclusão de curso, revivi momentos inesquecíveis desde a minha infância até a realização do Curso de Pedagogia Licenciatura, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP. Mas, também enfrentei momentos de aflições, angústias e apreensão. Contudo ficou uma certeza: tudo valeu à pena e me proporcionou muito aprendizado e compreensão das situações as que refleti com os olhos de hoje.

Este documento trás como título “VENCENDO DESAFIOS” porque para chegar até aqui, muitos desafios se interpuseram diante de mim, tanto no que se refere à minha vida pessoal, quanto profissional e acadêmica, desafios esses que tenho transformado em motivação para a superação.

Assim, dividi este texto em seis sessões. Este, que é a introdução, onde apresento a estrutura deste documento; o segundo no qual eu relato fatos de minha infância e primeiras aprendizagens sobre os conhecimentos que contribuíram grandemente para a minha formação.

O terceiro é uma retrospectiva de minha trajetória estudantil desde meu primeiro dia de aula até o curso do Magistério.

No quarto abordo sobre minhas experiências profissionais. No quinto capítulo, descrevo partes significativas de minha vida acadêmica, durante o curso de Pedagogia Licenciatura, ressaltando as aprendizagens, as experiências nos quatro estágios curriculares supervisionados, bem como as emoções e vitórias. No sexto e último, faço as considerações sobre a relevância da escrita desse trabalho para a minha formação e minhas perspectivas futuras.

2 MINHA INFÂNCIA E PRIMEIRAS APRENDIZAGENS

Nasci no ano de 1975, sou natural de Santa Cruz, município do Rio Grande do Norte - RN, localizado a 115 km da capital Natal. Atualmente, esse município, tornou-se muito conhecido devido ao turismo religioso, por possuir a maior estátua do continente americano e a maior imagem católica do planeta, sendo esta denominada por Estátua de Santa Rita de Cássia, com 56 metros de altura total, sendo 14 metros a altura do pedestal e 42 metros a altura da estátua.

Nasci nesta cidade, porque ficava próximo à Japi, município no qual minha família e seus antepassados residiam desde o século XIX. A família Dantas, por parte de meu pai, e família Enedino, por parte de minha mãe.

No ano de meu nascimento, o Brasil encontrava-se em plena Ditadura Militar, e era governado pelo presidente Ernesto Geisel, eleito através de eleição indireta com 400 votos. O mesmo iniciou um lento processo de transição rumo à democracia, pois, seu governo foi dedicado à abertura política e por esse motivo, enfrentou forte oposição dos militares radicais. Seu mandato presidencial teve início em 15 de março de 1974 indo até 15 de março de 1979.

Nesse período, em minha cidade, a grande maioria das pessoas sobrevivia da agricultura. Na época do inverno trabalhavam nas propriedades de terceiros com o plantio, cultivo e colheita do algodão. Quando chegava o final da safra, todo algodão colhido era pesado e a metade dessa safra pertencia ao patrão, proprietário da terra, e a outra metade, era do trabalhador. Porém, essa metade acabava sendo devolvida ao patrão, como pagamento pelas mercadorias que os trabalhadores da terra haviam recebido para manter o sustento da família.

Em época de estiagem os agricultores tinham o auxílio dos programas emergências promovidos pelo governo, os quais cadastravam tanto homens como mulheres para executarem trabalhos braçais que, geralmente, eram construções de açudes que serviriam como reservatório de água para a população do município.

Aqueles que conseguiam vaga para trabalhar recebiam uma pequena quantia em dinheiro e uma cesta básica. Os demais recebiam uma sacola com mantimentos que era chamada de “merenda”. Eram muitas as dificuldades enfrentadas por essa classe de pessoas.

Na época em que nasci não havia maternidade em Japi, fato que levava os moradores a serem dependentes da cidade vizinha, Santa Cruz. Contudo, não somente no que se referia à saúde, mas também à educação, ao comércio, à delegacia, entre outras instituições de igual relevância.

Japi teve sua origem às margens do Rio Jacu, por volta de 1716. Durante muitos anos, a região passou pela responsabilidade de vários proprietários. Tornou-se distrito de São José de Campestre, em 1953 e no ano de 1958, por força da Lei nº 2.399, desmembrou-se do município de São José de Campestre, tornando-se um novo município potiguar. Porém, Japi se desenvolveu muito lentamente, pois sua única economia era a agricultura de subsistência e a pecuária familiar, somente com o tempo é que a cultura do algodão foi estabelecida e trouxe consigo certo avanço comercial, fazendo com que o comércio se consolidasse aos poucos.

No período de meu nascimento, havia apenas duas ruas, um posto médico, uma escola e uma pequena delegacia. Não havia energia elétrica, apenas um gerador que era usado para iluminar as duas pequenas ruas, entre 17h30 e 21h30, controlado manualmente por um funcionário da prefeitura.

Na pequena escola existiam poucos alunos, pois, a maioria dos habitantes sobrevivia da agricultura e, por esse motivo, as crianças precisavam ajudar seus pais na roça, tornando-se assim, impossibilitados de estudar durante o ano letivo e somente frequentavam a escola quando não estavam semeando ou colhendo.

A exploração do trabalho infantil tem sido uma prática que vem desde a antiguidade. No decorrer da história as crianças têm sido forçadas a desenvolver trabalhos destinados a adultos. Muitos pais, na maioria das vezes, exploram os próprios filhos levando-os a trabalhar de diversas formas, a fim de que ajudem com o orçamento familiar. Por esse motivo é que atualmente podemos ver muitas crianças pelas ruas das cidades brasileiras vendendo balas e/ou outros produtos, catando produtos recicláveis, e ainda há outras que realizam trabalhos exaustivos nos lixões, nas indústrias clandestinas, nas feiras livres dentre tantos outros.

No entanto, atualmente, o trabalho infantil tem sido muito combatido no mundo todo e de acordo com a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2001, p. 9),

[...] estima-se que existe cerca de 250 milhões de crianças trabalhadoras em todo o mundo. Pelo menos 120 milhões de crianças entre 5 e 14 anos de idade trabalham em tempo integral. Os restantes combinam trabalho com os estudos e com outras atividades não econômicas (OIT, 2001, p. 9).

Esse é um dos fatores que contribui para a evasão escolar de crianças e adolescentes. A maioria delas compreende a necessidade da família e para sobreviver preferem trabalhar para poder ter o que comer, garantindo assim o presente, e não se importam muito em estudar e pensar no futuro. Assim acontecia em Santa Cruz, as crianças participavam do plantio e da colheita em determinadas épocas do ano e a escola tinha que se adaptar a esse regime, ou ficaria sem alunos durante esse período.

Meus pais casaram-se muito jovens e tiveram quatro filhos: Paulo, meu irmão mais velho; Betânia, minha irmã; eu e Joel, meu irmão mais novo. Tive uma infância muito feliz, pois, meus pais sempre foram muito presentes em minha vida. Minha mãe sempre se dividiu entre o trabalho na agricultura e suas tarefas domésticas. Meu pai, por sua vez, trabalhava em sua oficina de lanternagem e pintura. A qual se localizava ao lado de nossa casa, mas sempre reservava um tempo para estar com os filhos.

Ambos foram muito sábios em nos educar. Mesmo sendo semianalfabetos, sempre deram muita importância à educação dos filhos, e por esse motivo nos matricularam em uma escola particular onde estudei os primeiros anos do 1º Grau. Aprendi sobre a vida, também brincando, antes de meu acesso escolar. Lembro que brincava de “casinha”, com minha irmã, e como não tínhamos brinquedos, inventávamos aqueles que eram necessários para o “faz de conta”, imaginando e recriando o mundo adulto, talvez procurássemos experimentá-lo.

Dentre as nossas criações, recordo que das caixas de remédio, ou de perfume, fazíamos mesas e cadeiras para mobiliar nossa casa imaginária; de tampas de vidros, fazíamos copos para nossas bonecas, e essas eram trazidas por nosso pai, quando este viajava para comparar material de lanternagem e pintura.

Hoje sei que o brincar é muito importante para o desenvolvimento físico e psicológico da criança, pois, brincando a criança expressa seus sentimentos e emoções, desenvolve as suas potencialidades, elabora hipóteses para a resolução de problemas, bem como, novas formas de pensar e de agir. Não importa como ocorrerá a brincadeira, ela sempre proporcionará diversão e aprendizagem.

Segundo Lev Vygotsky,

[...] o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além de seu comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior que na realidade (VYGOTSKY, 1999, p. 117).

A criança brinca reproduzindo uma realidade imaginária, joga com aquilo que compreende e experimenta o que desconhece para aprender com os símbolos uma natureza diferente da sua. A criança pode ser fada, mas também bruxa, ou até mesmo um pirata, sem o ser verdadeiramente. Até porque,

Fröebel concebeu o brincar como atividade livre e espontânea da criança, e ao mesmo tempo referendou a necessidade de supervisão do professor para os jogos dirigidos apontando questões sempre no contexto atual (KISHIMOTO, 2001, p.14).

Para Kishimoto (2001), Fröbel vê o jogo como meio de comunicação entre a criança e seu meio, contribuindo para o seu desenvolvimento, satisfazendo muitas de suas necessidades como adaptar-se ao mundo social e respeitar as regras de convivência. Durante a brincadeira a criança assume o papel de adulto, experimentando ações vividas por ela, em seu cotidiano e ao brincar livremente e com prazer, a

criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair (MELLO E VALLE, 2005, p.45).

As crianças são muito fascinadas com o mundo dos adultos, por isso reproduzem as pessoas que admiram ou não. Lembro-me que na minha infância eu admirava muito minha primeira professora e por isso, durante os momentos em que brincava de escolinha com minhas colegas, eu era quem assumia o papel da professora. Eu me sentia realizada em representar alguém tão especial que me deixava deslumbrada com o modo como ministrava as aulas.

Ainda, Vygotsky (1999) afirma que a brincadeira influencia o desenvolvimento da criança e que no jogo do “faz de conta” a criança aprende a agir, a ter iniciativa,

também atija sua curiosidade, e amplia sua autoconfiança, possibilitando desenvolver sua linguagem, seu pensamento e sua concentração.

Não importa o momento, o lugar ou como ocorrerá a brincadeira, a criança sempre vivenciará a diversão acompanhada de aprendizagem. Quando a criança brinca, além de divertir-se, ela também constrói conhecimentos significativos. (VYGOTSKY, 1999)

As brincadeiras foram muito importantes para o meu desenvolvimento corporal, emocional e social, contribuindo para a formação de um espírito de liderança em mim, apesar de eu ser tímida até hoje.

Meu pai, mesmo em sua simplicidade, compreendia a importância do brincar para o nosso desenvolvimento, por isso, sempre brincava com os filhos, especialmente quando íamos tomar banho no Rio Jacu, um rio temporário que banha a cidade de Japi. Essa aventura sempre acontecia ao final da tarde, quando o sol estava para se por. Além de nós, seus filhos, participavam dessa brincadeira, também as crianças da vizinhança. Lembro-me que era muito prazeroso aprender a nadar com meu pai e brincar de pular sobre as pedras. Meu pai ficava atento a tudo e sempre procurava nos dar apoio.

Para meus pais, a formação do caráter de seus filhos sempre ocupou o primeiro lugar. Por isso, sempre nos orientavam sobre a importância de sermos bondosos, obedientes, ter boa conduta, valores e princípios, bem como respeito para com todas as pessoas. Compreendiam que a família também deve desempenhar o papel de educador, pois a escola não é o único espaço de educação porque, “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos um pedaço da vida com ela: [...]”(BRANDÃO, 2005, p.7). E, para auxiliá-los eles tinham um livro de cabeceira intitulado “Orientação da Criança” onde buscavam orientações sobre educação familiar e através dessas leituras adquiriram muitos conhecimentos e instruções de grande relevância. Isto porque

é dentro de casa na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social. Seus maiores treinadores, professores, mestres e modelos são os pais ou alguém que cativa sua admiração. (TIBA, 1996, p.178)

Os momentos que passei ao lado de meu pai, sempre me proporcionaram muito aprendizado, mesmo no lazer, quando íamos para o rio. Nesse lugar ele nos ensinava a nadar, a boiar para que não corrêssemos riscos de morte se, por acaso, caíssemos em algum poço. A natação é de fato muito importante, pois, auxilia o desenvolvimento físico e mental, oxigena o cérebro relaxando a mente e ativando a memória das crianças. Assim,

a natação constitui-se uma excelente atividade motora, na qual a criança desde a mais tenra idade experimente de forma mais natural e espontânea, uma motricidade aquática dinâmica, essencial a sua evolução, em seu progresso desenvolvimentista (GRISI, 1994, p.32).

Meu pai, mesmo sem possuir o conhecimento explanado por Grisi (1994), fez algo muito proveitoso para o meu desenvolvimento motor, o que auxiliou também o meu processo cognitivo, de certa forma, pois, a atividade física também, beneficia a mente humana.

Nesta sessão explanei sobre o conhecimento aprendido em meus primeiros anos de vida, antes de iniciar meu processo de escolarização, o qual narrarei refletindo-o a seguir.

3 ESCOLARIZAÇÃO (DA ALFABETIZAÇÃO AO MAGISTÉRIO)

Iniciei meus estudos aos cinco anos de idade, em 1981, na Escola Adventista de Japi. Ao ver meus irmãos se preparando para ir à escola, sentia o desejo de ir também. Minha mãe, então, pediu que eles perguntassem à professora se eu poderia ser matriculada. Sou muito grata à minha mãe por ter atendido ao meu apelo para iniciar meus estudos tão cedo, pois segundo Binet (1973, p.232), “se nada fizermos, se não intervirmos de forma ativa e eficaz, ela (a criança) continuará perdendo tempo e acabará por se desencorajar”. Minha mãe, sem conhecer esse teórico, agiu de tal forma que fez algo por mim.

A Escola Adventista de Japi fazia parte de uma rede de escolas do sistema que, naquela época, era formado em sua grande maioria, por salas de aula multisseriadas¹ que se localizavam geralmente em pequenas salas, nos fundos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sua mantenedora.

Lembro que fiquei ansiosa aguardando o retorno de meus irmãos, pois queria saber a resposta da diretora. Diante da confirmação da diretora, no dia seguinte minha mãe foi fazer minha matrícula e voltou para casa com o tecido para fazer o meu uniforme, o qual foi confeccionado por ela própria. Aquele dia foi muito marcante para mim.

No dia seguinte, muito feliz, fui para a escola que se localizava nos fundos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com meu material escolar em mãos (um pequeno caderno e um lápis na cor preta, com a borracha na ponta).

Essa escola, por ser privada, tinha poucos alunos, em torno de vinte, de diferentes idades e em níveis de conhecimentos variados. A grande maioria dos habitantes mantinham seus filhos estudando nas duas escolas públicas da cidade.

Devido à dificuldade financeira de alguns dos pais, havia pessoas amigas que custeavam as mensalidades de alguns dos alunos, concedendo-lhes a oportunidade de ali estudarem, já que eram poucos os pais que podiam pagar para que seus filhos tivessem acesso ao ensino nessa escola, compreendendo isso, a professora pediu a colaboração de alguns colegas que “adotassem” uma criança carente.

¹ O que são escolas multisseriadas? Segundo a Wikipédia, a enciclopédia livre, “Classes multisseriadas caracterizam um fenômeno recorrente no sistema educacional brasileiro. Nestas classes, alunos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos por um mesmo professor.”

Sobre as escolas multisseriadas, Hage (2006, p.5) coloca que essas, “oportunizam aos sujeitos o acesso à escolarização em sua própria comunidade, fator que poderia contribuir significativamente para permanência dos sujeitos no campo, com o fortalecimento dos laços de pertencimento”.

Na escola havia apenas uma sala de aula e funcionava em um só turno. Nessa sala de aula, viam-se dois quadros negros. Um deles era para os alunos da 1ª e da 2ª série e o outro, para os alunos da 3ª e da 4ª série do 1º Grau. Cada fileira era formada por uma série. Como só havia eu como aluna da pré-escola, me sentava ao lado da mesa da professora.

À princípio só havia a professora como funcionária. Era ela quem realizava todas as tarefas, desde a parte pedagógica à administrativa, limpeza e portaria. Como não havia merenda escolar², a professora procurou o prefeito para pedir apoio com relação à alimentação dos alunos. Ele prontamente e atendeu, de forma que passamos a ter merenda diariamente. Porém, isso gerou mais trabalho. Como não tínhamos uma auxiliar de serviços gerais – ASG, nem merendeira, a professora era quem fazia a merenda. Algumas vezes os alunos maiores a ajudava com essa tarefa.

Após o nascimento da primeira filha da professora, ela passou a acumular mais funções às que já tinha. Com relação ao acúmulo de funções, ela voltou a procurar o prefeito da cidade e pediu-lhe que, se possível, enviasse para a escola um funcionário para ocupar a função de ASG e merendeira, pois como a escola era muito pequena, uma única pessoa poderia exercer as duas funções, ao mesmo tempo. Mais uma vez, o pedido foi atendido e passamos a ter mais um profissional.

Retomando meu primeiro dia de aula, lembro que eu fique tão ansiosa que antes da professora chegar para abrir a instituição, eu ficava verificando, à porta de minha casa, para ver se a professora havia chegado. A escola permanecia fechada até que a professora a abrisse.

Em uma de minhas verificações, naquele dia, esbarrei de frente com meu irmão, e fiquei machucada, sentindo muita dor. Contudo minha alegria em poder

² **Merenda escolar:** s.f. Leve refeição entre o almoço e o jantar; lanche. / O que se leva em farnel para comer em viagem ou em passeio. / Aquilo que as crianças levam para comer na escola.No contexto escolar brasileiro, a alimentação oferecida na escola (frutas, leite, biscoito, etc) (Disponível em: <http://www.significadodepalavras.com.br/Merenda>)

estudar era maior do que a dor que eu sentia. Quando a professora chegou, me deu as boas vindas e colocou uma mesinha para mim ao lado de seu birô.

Minha adaptação na escola foi muito tranquila porque era algo que eu desejava e tinha a companhia de meu irmão, minha irmã e primos. Sentia-me segura naquele ambiente familiar.

A professora trabalhava também na escola pública, no horário vespertino. Ela era muito atenciosa com os alunos e muito dedicada à sua profissão. À hora do intervalo, a professora sempre brincava com os alunos de: “passa o anel”; “pão quente”; “roda”; “amarelinha”; “chicotinho queimado”; dentre outras brincadeiras do local. Assim, ela também transmitia amor e confiança a seus alunos. Sabemos que

brincar é sem dúvida, uma forma de aprender, mas é muito mais do que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar, transformar-se, ser. Na escola, a despeito dos objetivos do professor e de seu controle, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança. Envolve a criança toda. É prática social, atividade simbólica, forma de interação com outro. Acontece no âmago das disputas sociais, implica a construção do sentido. É criação, desejo, emoção e ação voluntária. (FONTANA E CRUZ, 1997, p. 139).

Essa atitude da professora foi tão importante para mim, tão marcante que hoje me pego reproduzindo essas mesmas ações. Sempre que possível participo das brincadeiras com meus alunos, corro com eles, pulo, desfilo para eles, e os mesmos ficam maravilhados comigo. Creio que é bom para sua adaptação na escola, pois como afirma Nunes (1995, p.37), “a postura do professor, para que o diálogo se estabeleça, deve ser amorosa, esperançosa e confiante no sujeito que aprende”. Deve haver um sentimento de respeito mútuo, de amizade e cumplicidade entre professor e alunos, para que assim, o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva com naturalidade, respeito e amor.

Nessa época o método de alfabetização mais utilizado era o de marcha sintética, aquele que começava da parte para o todo, do conhecimento das letras até a formação das frases (soletração; silabação e fônico). Pois,

nas décadas de 1970 e 1980, todos os métodos de alfabetização, utilizados na escola apregoavam que o aluno, para poder ler textos reais, primeiro tinha que ser capaz de decodificar letras e sons (fonemas) corretamente. Não se lia, por exemplo, para uma criança que não sabia ler (MORTATTI, 2006, p.56).

O educador era visto como técnico em educação, como o transmissor de conteúdos, suas ideias e opiniões não tinham espaço nem validade porque não eram consideradas. O que era importante voltava-se para a aprendizagem do que os livros continham sobre diferentes conhecimentos (matemáticos, históricos, etc).

Iniciei meu processo de alfabetização com os exercícios para desenvolver a motricidade onde era necessário cobrir alguns traçados de diferentes formas acompanhando o ritmo de algumas músicas apropriadas para cada modelo. A partir daí passei a cobrir as letras do meu nome. Aprender meu nome despertou em mim o sentimento de realização e de orgulho, o que me fez sentir mais motivada a continuar aprendendo. Sobre isso Ferreiro (apud BOMTEMPO, 2001, p.17) diz que, “aprender a escrita do nome é aprender algo muito especial, porque o nome faz parte da própria identidade”.

Minha alfabetização aconteceu desde a pré-escola, com cinco anos eu já lia e escrevia – ou seja, já estava alfabetizada. O método utilizado pela professora foi o sintético. Sobre esse método

dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras. (MORTATTI, 2006, p.5)

Lembro-me que não aconteceu o processo de silabação, mas um trabalho com as famílias silábicas, contextualizando ao criacionismo (estudo bíblico). Os estudos dessas sílabas não seguiam a ordem alfabética, sendo que as vogais e as consoantes eram estudadas antes desse trabalho, sem que fosse especificado, e só na 2ª série, do 1º Grau, era que estudávamos essa divisão de forma sistematizada.

Aprender com as famílias silábicas foi interessante porque a professora utilizava metodologias diversificadas e penso que avançadas para o pensamento da época, eram disponibilizados materiais concretos, tais como: cartazes, objetos, ilustrações, músicas, além disso, nos incentivava à leitura através de saraus. Para aprendermos as famílias de cada letra, cantávamos umas músicas que sempre iniciavam da seguinte forma: “Deus criou: ... o tatu, o pato, a vaca, etc”, de forma que desde a infância aprendemos que existe um ser supremo que criou todas as coisas, que cuida de nós e nos dá sabedoria para adquirimos conhecimentos para a nossa formação integral.

Ela era muito criativa e para controlar as saídas dos alunos ao banheiro, desenvolveu uma estratégia bem interessante que agora eu compreendo. É natural que quando um aluno pede para ir ao banheiro ou beber água, outros também falam que querem ir, mesmo que não estejam realmente com necessidade. Para resolver essa questão, ela levou para a sala de aula um seixo e quando alguém precisava sair tinha que levá-lo na mão ficando assim condicionado a voltar rápido, pois, outra pessoa só sairia quando o seixo já tivesse retornado para a sala de aula e assim sucessivamente. Isso se tornou uma prática muito comum que no momento que queríamos sair olhávamos se o seixo estava lá.

Certa vez ela organizou um sarau com o tema “Alimentação”, em uma aula experimental. Cada aluno ficou responsável por declamar um poema, para isso deveria levar algo concreto, o alimento que representasse a temática poética de sua responsabilidade.

O meu poema tratava sobre o leite, eu deveria levar uma garrafinha de leite, porém na minha casa não tinha, então a professora falou que eu não iria deixar de participar e pediu que fosse à sua casa que ela providenciaria o leite para mim.

Foi o que aconteceu, e para a minha alegria declamei o poema, e no final, tomei o leite. Essa atitude da professora deveria ser a de todos os docentes, ter uma prática que fosse inclusiva, para isso é preciso conhecer a realidade de seus alunos para assim poder promover ações que o auxiliem em seu desenvolvimento tanto psíquico quanto cognitivo.

Nesse período a professora estava tendo sua formação docente no LOGOS II. Ela havia estudado até o 2º ano pedagógico em Cuité, município da Paraíba, sua cidade natal, onde já exercia a docência, e mudou-se para Japi à trabalho.

Como em Japi não havia o ensino de 2º Grau ainda, ela não o pôde concluir. Foi então que surgiu a oportunidade de ter uma formação docente oferecida pelo governo federal através do LOGOS II, formação essa, destinada a professores em exercício que ainda não tinha qualificação, em cumprimento das metas estabelecidas para a educação brasileira de acordo com a Lei nº 5.692/71 onde no art.29^{o3} declara que,

a formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se elevem progressivamente, ajustando-se às diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividade e às fases de desenvolvimento dos educandos.

Estudei nesta escola do Pré-escolar até a 3ª Série, do 1º Grau, na mesma sala de aula, com a mesma professora. Lembro-me que realizávamos momentos de leitura diariamente, íamos à mesa da professora para “dar a lição”, e ela sempre nos motivava com palavras de incentivo e encorajamento, mesmo quando não íamos bem à lição. Também havia os momentos das atividades de recorte e colagens. O que marcou muito o meu processo de alfabetização foram as produções de texto, quando fazíamos bilhetes uns para os outros.

Como eu tinha parente morando em outro município, sempre que meu avô ia visitá-los, levava um bilhete meu para minha prima e isso me ajudou muito em desenvolver minhas habilidades de leitura e escrita.

Não me recordo em haver enfrentado dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do 1º Grau. Lia e escrevia de forma convencional, também dominava as quatro operações fundamentais da matemática. Já havia desenvolvido noções de grandezas e medidas, de lugar e espacialidade, dentre outras habilidades. Também conhecia os mapas e sabia sobre partes da história do município e do país.

A escola foi fechada no final do ano de 1985, por falta de alunos. Devido à crise financeira que atingia os brasileiros àquela época. Por isso, algumas famílias

³ Lei nº 5.692 - de 11 de agosto de 1971 – DOU de 12/8/71 – Lei de Diretrizes e bases, art.29º disponível em: www.datapreve.gov.br/sislex/paginas/42/1971/5692.htm, acesso em 20/08/2015 às 12:07

não estavam mais conseguindo pagar as mensalidades para manter seus filhos na referida escola.

Dessa forma, fui transferida para uma escola pública e cursei a 4ª série na Escola Estadual Manoel Medeiros I. Minha adaptação nesta escola foi um pouco difícil. Em minha sala de aula os alunos eram muito desobedientes e rebeldes, e por esse motivo a professora se afastou duas vezes durante o ano, pois ficou com estafa em virtude da tarefa de ter que lidar com o problema.

Curvei a segunda parte do 1º grau, da 5ª à 8ª série, na Escola Estadual Cel. Manoel Medeiros II, e nessa escola tive alguns problemas de adaptação devido a minha grande timidez e lentidão. Os professores dividiam o quadro ao meio e começavam a escrever de um lado, quando eles concluíam a segunda parte eu ainda estava na metade da primeira, eles apagavam e eu recomeçava do outro lado e acontecia a mesma coisa.

Durante a 5ª série nunca consegui concluir uma tarefa escolar por inteiro, pois eu era muito lenta na escrita, demorava muito tempo para copiar o que os professores escreviam no quadro negro, e quando eles perguntavam se podiam apagar o que haviam escrito, eu não os informava que necessitava de mais um tempo para concluir – tinha vergonha de dizer isto.

Para o fundador da escola francesa de grafologia, J. Crépieux-Jamin (1859-1940), a escrita é concebida como um movimento que revela a vitalidade motora e a rapidez de pensamento.

É necessário compreender que as crianças são o resultado de suas experiências, por isso é preciso considerar o espaço em que elas vivem, a maneira como constroem significados, suas práticas culturais, etc. "Sabe-se hoje que cada ser humano tem um conjunto de células do sistema nervoso tão particular quanto a impressão digital", afirma a psicóloga Elvira Souza Lima” em – **Cada um aprende de um jeito / Criança e Adolescente...**⁴

Sempre fui muito lenta em tudo que faço, não apenas com relação à escrita, o motivo é porque passo muito tempo pensando no que vou fazer ou escrever, elaborando estratégias de como realizar, assim o tempo vai passando. Não consigo fazer as coisas de qualquer maneira, eu tenho que estar certa de que é a forma

⁴ Disponível em: revistaescola.abril.com.br/formacao/cada-aprende-jeito-432311.shtml acesso em 05/06/2015 às 08:00 hs.

correta a se fazer, as palavras adequadas a se falar, a atitude apropriada a se tomar e é isso o que me leva a ser mais lenta que os demais. Fico de certa forma aflita por não desenvolver um ritmo igual às outras pessoas, porém compreendo que cada um tem suas peculiaridades o que nos torna seres tão especiais. Devido ter passado por essas experiências, tal fato me leva a ter um olhar diferenciado para meus alunos, reconhecendo que cada um tem seu próprio ritmo, estimulando-os a desafiarem-se para assim, superar suas dificuldades, certos de que alcançarão os objetivos que lhes são propostos.

O primeiro trabalho escolar aplicado para a turma da 5ª série foi o de matemática. O professor não deixou claro para mim que seria atribuída uma nota e como foi escrito no quadro para que copiássemos, e eu não consegui concluir a cópia do mesmo, fiquei sem a referida nota. Ele, o professor, por sua vez, nem sequer questionou o fato. Isso se repetiu durante quase todo o ano e como resultado, fiquei em recuperação, necessitando de notas altas para alcançar a média em muitas disciplinas.

Hoje penso que o professor deve estar atento às ações dos alunos para poder fazer as intervenções necessárias e auxiliá-los quando necessitarem, pois do contrário, não conseguirá identificar dificuldades de aprendizagem, nem os avanços nem tão pouco os retrocessos e nem os problemas dos alunos, pois

não é suficiente dizer que os alunos precisam dominar os conhecimentos, é necessário dizer como fazê-lo, isto é, investigar objetivos e métodos seguros e eficazes para a assimilação dos conhecimentos. (...) O ensino somente é bem sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo em vista o desenvolvimento de suas forças intelectuais (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 20).

Eu estava acostumada com um professor polivalente e essa mudança de fase na qual a aula era dividida em horários, aulas de diferentes disciplinas, dificultou minha aprendizagem. Alguns professores agiam como se todos os alunos já tivessem maturidade o suficiente para compreenderem qual deveria ser sua atitude diante dessa nova realidade. Não se preocupavam com o aluno individualmente, tinham uma visão apenas do todo idealizado por eles e não se voltavam para as particularidades, ou singularidades de cada aluno.

Essas dificuldades foram enfrentadas por mim em outras disciplinas, levando-me a fazer a recuperação em quase todas elas, por isso quase fui reprovada, no final do ano de 1986. Os professores não refletiam sobre sua prática apenas repassavam os conteúdos sem se preocuparem se os alunos estavam, de fato, adquirindo os conhecimentos propostos.

Para exercer a função da docência o professor precisa ser reflexivo. Segundo Alarcão (2005), o professor reflexivo necessita realizar o triplo diálogo: o diálogo consigo mesmo; o diálogo com o outro e o diálogo com a situação; e, sobretudo, ter um olhar investigativo sobre sua própria ação. Já não basta mais que o professor seja somente reflexivo, a escola também deve refletir sobre sua função social, que é a de formar cidadãos críticos e participativos e que aprendam efetivamente o conhecimento escolar. Até porque,

queremos que os professores sejam seres pensantes, intelectuais, capazes de gerir a sua ação profissional. Queremos também que a escola se questione a si própria, como motor de seu desenvolvimento institucional. Na escola, e nos professores, a constante atitude de reflexão manterá presente a importante questão da função que os professores e a escola desempenham na sociedade e ajudará a equacionar e resolver dilemas e problemas (ALARCÃO, 2005, p. 46).

Essa reflexão deve ser contínua, de forma que o professor e a escola devem estar sempre revendo suas práticas, promovendo ações de mudanças que levem ao aperfeiçoamento por meio de projetos educativos, visando o cumprimento de sua missão, porque

[...] a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção de informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significados à informação [...] (LIBÂNEO, 2004,p. 85).

A partir da 6ª Série fui compreendendo a necessidade de ser mais ágil na escrita das tarefas e passei a avisar aos professores, quando ainda não havia concluído, e assim eles me davam mais um tempo. Dessa forma consegui aprender

melhor os conteúdos expostos. Porém, ainda fiquei em recuperação em três disciplinas, naquela série, mas fui aprovada.

Na 7ª série, como já havia atingido um nível de maturidade um pouco maior, passei a me dedicar às aulas, realizando as tarefas com mais esforço e rapidez, fui aprovada em quase todas as disciplinas, ficando em recuperação apenas em matemática, mas devido à nota que precisava alcançar para passar, resolvi por mim mesma que não iria assistir às aulas da recuperação e repetiria a série no ano seguinte.

No entanto, a minha cunhada me incentivou a ir às aulas, já que seriam apenas duas semanas, e se eu me esforçasse bastante poderia vir a conseguir aprovação. De fato, com muito esforço fui aprovada e tomei a decisão de que a partir dali nunca mais eu ficaria em recuperação.

Cursei a 8ª série, no ano de 1989. A minha turma era a mesma do ano anterior, por isso estávamos muito familiarizados uns com os outros. Havia amizade e entrosamento entre todos.

No decorrer daquele ano me empenhei bastante e fui aprovada por média sem muitas dificuldades de aprendizagem. No entanto, foi um ano em que vivenciei muitos conflitos pessoais, havia em mim muitos complexos de inferioridade o que levava a me sentir extremamente insegura, por isso preferia me isolar das pessoas, para assim me proteger de algumas situações que, porventura, pudessem me expor diante dos demais. Porém, quando estava em companhia de grupo menor de pessoas e com quem tinha afinidade, conseguia me sentir mais à vontade para fazer alguma colocação diante das questões em discussão.

Durante o período que cursei da 5ª até a 8ª série, o que me dava mais prazer eram as aulas de Educação Física. Estas eram realizadas às 5 horas da manhã, duas vezes por semana, com um número considerável de alunos. Para eu não correr o risco de perder a hora, sempre pedia à minha avó para que me acordasse às 4 horas e 40 minutos. Ela por sua vez não se cansava dessa tarefa e no horário combinado saía de sua casa e ia até a minha me acordar.

No início da aula, eram destinados alguns minutos para o aquecimento e alongamento. Em seguida, realizávamos exercícios de ginástica. Essas aulas fortaleciam os laços de amizade entre as alunas das diferentes séries, pois era nessa aula que todas se reuniam.

Após haver realizado alguns estudos no curso de pedagogia Licenciatura, o qual ora concluo, posso compreender melhor a importância da Educação Física para o nosso desenvolvimento integral, pois nos Parâmetros Curriculares Nacionais – para a Educação Física é afirmado que

O processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada (BRASIL, 1997, p. 33).

Para nos aquecer, éramos levadas a caminhar e correr ao redor da praça da cidade. Passávamos bem em frente à padaria e sentíamos o cheiro dos pães assando, também me recordo de como era gostoso àquela hora da manhã, sentir o cheirinho do café sendo passado nas residências no percurso por onde percorríamos. Ainda, a beleza do sol nascendo e o ar fresco da manhã.

O grupo de alunos que concluiu o 1º Grau era praticamente o mesmo que iniciou a 5ª série, por esse motivo havia uma grande amizade e entrosamento entre todos confirmando assim o que diz Freire no poema “A Escola”

Escola é... o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobre tudo gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se 'amarrar nela'! Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. É por aqui que podemos melhorar o mundo. (Paulo Freire)⁵

⁵ Poema “A Escola – Paulo Freire disponível em portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=16356 acesso em 20/08/2015 às 12:12 hs

Passei por momentos de muita tristeza no dia em que fui pegar o meu histórico de conclusão de 1º Grau, para poder fazer minha matrícula no 2º Grau. Ao chegar à secretaria da escola, a secretária por não ser preparada para exercer a função, disse-me que eu não poderia cursar o 2º Grau naquele ano porque eu estava sem a nota da recuperação da disciplina de matemática da 5ª série, e como o professor da referida disciplina estava viajando de férias, eu teria que repetir aquela série outra vez, porque a filha dela havia feito a recuperação junto comigo e repetiu de ano, eu também deveria repetir. Na minha inocência acreditei e chorei muito. Houve então uma discussão entre a gestão e a secretária, de forma que me pediram para retornar no outro dia.

A falta de formação desses profissionais os leva a tomarem atitudes de acordo com o senso comum, intuitivamente. Muitos dos secretários de escolas estaduais que exercem essa função são professores que por questões de saúde estão afastados da sala de aula, passam a trabalhar em setores burocráticos dentro dessas instituições, agem de maneira inadequada por não compreender quais as suas atribuições,

na hierarquia administrativa dos estabelecimentos de ensino, o secretário vem logo depois do diretor. Ele orienta e organiza todo o setor administrativo, assina documentos e responde pela escola em diversos assuntos, por isso, é importante aperfeiçoar o trabalho desse profissional. (SCHULLAN, 2006, p.15)

Saindo de lá, fui direto à escola onde iria cursar o 2º Grau e expliquei tudo o que havia acontecido ao secretário de lá, que por sinal havia sido meu professor da 5ª série, e ele me tranquilizou falando que eu não iria pagar por irresponsabilidade do professor, nem da escola e que tudo iria dar certo. Fui para casa mais confiante. No dia seguinte, fui pegar o histórico que para minha surpresa estava pronto. Dirigi-me diretamente para a outra escola e fiz minha matrícula.

No meu município havia uma escola de 2º Grau, local onde era ofertado apenas o curso de Magistério, que funcionava em salas de aula de uma escola “primária”. No turno matutino eram reservadas duas salas de aula para essa modalidade de ensino, as demais eram destinadas aos alunos de 1ª à 4ª séries, do 1º Grau.

Iniciei o 1º Ano do curso de Magistério no turno noturno, pois naquele ano aquela série só iria funcionar no noturno, mas surgiu a necessidade de formar uma turma também no matutino, para atender 08 alunas que moravam na zona rural, já que só havia transporte para elas pela manhã.

Para que elas não fossem prejudicadas, alguém do noturno deveria ser transferido para o matutino e como ninguém se disponibilizou e eu, compreendendo a necessidade de minhas colegas, com quem eu já tinha amizade, me propus a ser transferida e dessa forma passei a estudar pela manhã. O 2º e o 3º ano eu cursei no turno noturno. Éramos quase todas da mesma faixa etária, e praticamente os mesmos professores nos acompanharam durante os três anos do curso, por isso ficamos todos bem entrosados e amigos.

As disciplinas que mais me marcaram foram: Psicologia da Educação; Didática Geral; Prática de Ensino e as quatro Metodologias (Met. da Comunicação e Expressão, Met. dos Estudos Sociais, Met. das Ciências e Met. da Matemática).

Foi cursando o Magistério que, pela primeira vez, estudei sobre o desenvolvimento humano, através das teorias de Jean Piaget, na disciplina de Psicologia da Educação.

Todas essas disciplinas citadas foram ministradas pelo mesmo professor que agora já é falecido. Ele era o único que se preocupava em nos despertar para a importância de construir nossos conhecimentos. Suas avaliações eram formuladas com apenas duas ou três perguntas, cujas respostas eram sim ou não, porém deveriam ser seguidas de uma justificativa ou uma explicação. Acredito que foi por esse motivo, que elas se tornaram tão significativas para mim, pois, eu participava ativamente da construção de minha aprendizagem, ao estudar para responder por escrito às mesmas.

Curvei o 3º ano em 1993 e, nesse ano, estudei as quatro metodologias, que se tornaram meu maior desafio até aquele momento. Isto porque eu teria que elaborar planos de aula; participar de seminários, o que foi muito angustiante porque teria que falar em público, para toda turma. Mesmo que fôssemos amigos, eu não tinha tanta facilidade em expor o que eu produzia, até porque estava sendo avaliada, não somente pelos professores, mas por minha turma, também.

As apresentações deveriam acontecer no 3º bimestre; e o estágio foi realizado no 4º bimestre. Mas, naquele ano, o professor de Metodologia da Matemática decidiu realizar as apresentações orais no 1º bimestre. Eu pedi, então,

para ser a primeira a apresentar, pois se eu ficasse para o final, o meu nervosismo com a espera iria me comprometer. Dessa forma, fui a primeira a abrir as apresentações e o tema destinado a mim foi relacionado às quatro operações básicas.

Fui feliz, pois me concentrei e apresentei a contento, os outros colegas vendo meu bom desempenho, também pediram para realizarem as suas apresentações. Para mim, continuava sendo uma tortura ter que me expor, mas acabava conseguindo com muito esforço e perseverança.

O Estágio teve início conturbado. Eu e minha colega combinamos de realizá-lo em uma sala da 3ª série, do 1º Grau, em uma escola da rede municipal de ensino. No dia marcado fomos à referida escola para realizarmos a semana de observação. Quando chegamos lá, tivemos uma boa acolhida por todos desde o porteiro até o gestor.

Porém, no decorrer da semana, nos deparamos com a indisciplina dos alunos em sala de aula, eles não atendiam à professora, saíam da sala a todo o momento, e isso nos deixou preocupadas com o nosso próprio desempenho, pensamos: o que fazer diante daquela situação? Ficamos, de fato, assustadas. Procuramos, então, conversar com uma professora da 1ª série de outra escola, pertencente à rede estadual, que muito educadamente nos recebeu e após uma breve conversa, compreendeu nossa angústia, colocando-se à disposição, caso desejássemos estagiar em sua sala. E assim aconteceu, naquela semana, na sexta-feira, passamos a observar o trabalho pedagógico daquela professora.

No curso de Magistério, informamos aos professores coordenadores do estágio nossa situação e mudança. Eles nos orientaram a elaborarmos os planos de aula para a semana de regência em classe. Na semana da regência, a professora titular da sala teve que se ausentar por motivo de saúde, pois a mesma encontrava-se com oito meses de gravidez e não estava muito disposta. Assumimos sua turma.

No dia em que nossos professores foram nos observar, havíamos elaborado nosso plano de aula abordando Medidas de capacidade, na disciplina de matemática; e as partes da planta, na disciplina de Ciências. Utilizamos um cartaz com as unidades de medida de capacidade (o litro, a garrafa e a meia garrafa). Escolhemos esse tema porque era algo do cotidiano deles, pois, compravam leite para seus irmãos menores e como nem sempre podiam comprar um litro,

compravam uma garrafa ou meia garrafa. Também utilizamos um painel com uma árvore, e nessa árvore os alunos iam colocando as flores e os frutos.

Ficamos um pouco nervosas, o que é natural que aconteça quando estamos sendo avaliadas para recebermos uma nota por algo que estamos desenvolvendo, mas nos saímos razoavelmente bem. Os alunos participaram ativamente da aula à semelhança dos outros dias e tiveram um bom comportamento. Dessa forma, senti-me satisfeita com a execução dessa etapa de minha formação.

O Estágio foi muito importante para a minha formação porque através dele foi que tive o primeiro contato com o exercício da docência e, tive a oportunidade de colocar em prática algumas teorias estudadas.

Assim, ao estagiar pude conhecer um pouco da realidade e vivenciar alguns desafios do cotidiano escolar, refletindo sobre as ações desenvolvidas pela escola, tendo como objetivo central a aprendizagem de todos os alunos.

Naquela época eu jamais imaginava que me tornaria professora, porque para ter um emprego público, em minha cidade, teria que ser nomeada pelo prefeito da cidade. Eu pensava que seria muito difícil que acontecesse comigo, porque ele também deveria assinar a Carteira de Trabalho, onde estaria escrito: funcionário(a) municipal.

Eu acreditava que seria mais uma, dentre as tantas pessoas formadas no Magistério, que não iria trabalhar nessa área, porque eram pouquíssimos os jovens que conseguiam. Também não via possibilidade em prestar vestibular, porque teria que ter familiares residindo em Natal. Outra questão é que eu sabia que para ser aprovada para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, teria que me esforçar muito nos estudos. Caso eu fosse aprovada, meus pais não teriam recursos suficientes para manterem minha viagem diária à capital. Então, pensei: “meus estudos se concluem no Magistério”.

Mas, o destino decidiu por mim. Os serviços de lanternagem e pintura estavam muito escassos. Meu pai decidiu ir residir em Goianinha, RN, por saber existir maior possibilidade de clientela. E, assim, aconteceu. No dia 11 de outubro de 1993, antes de eu concluir o curso, meus pais se mudaram para Goianinha e nessa cidade se instalaram, porém, mesmo eu tendo concluído o curso, não participei da formatura, o que muito me entristeceu, mas deveria seguir para a nova moradia.

4 PROFISSIONALIZAÇÃO

No ano de 1994, minha mãe começou a insistir para que eu procurasse um trabalho, e como eu já havia concluído o Magistério, deveria procurar o prefeito da cidade de Goianinha, RN, para pedir-lhe um emprego. Ela insistiu tanto que fui ao gabinete do prefeito. No gabinete, do então prefeito Dr. Rubem de Andrade Lisboa, fui recebida com muita cordialidade e após explicar-lhe sobre o motivo que levou-me a procurá-lo, ele me pediu que eu tirasse alguns documentos que eu ainda não tinha, tais como: título eleitoral e CPF, porque ele iria conseguir uma vaga em uma escola municipal, porque eram poucos os professores da cidade que tinham o curso do Magistério.

Depois que eu recebi o título eleitoral e o CPF, procurei pelo secretário municipal de educação e lhe contei sobre minha conversa com o prefeito. Ele disse que o procurasse na semana seguinte. Quando eu retornei ao seu gabinete, ele havia encontrado uma vaga para o turno matutino, no 1º ano do 1º Grau. Tomei conhecimento que a professora que exercia a docência nesse turno havia sido convidada para assumir a coordenação da Educação Infantil do município.

Aquele foi o meu primeiro emprego. Minha turma tinha 30 alunos, e estávamos no início do 2º semestre. A escola se localizava no centro de Goianinha e meus colegas professores eram bastante experientes, pois tinham muito tempo de docência.

Eu era principiante, muito insegura, sem muitos conhecimentos porque o curso que fiz não me preparou adequadamente para a realidade que iria vivenciar. Enfrentei muitos desafios como à falta de apoio da supervisora que ao invés de me orientar, me perseguia e me constrangia, corrigindo-me diante de meus alunos. Muitas vezes ela ficava por trás da porta da sala de aula, ouvindo e vendo como eu trabalhava, para entrar na hora que lhe fosse conveniente, e inconveniente para mim. Ela me apavorava e por esse motivo não tive uma experiência muito agradável.

Acredito que, como supervisora, sua função deveria ser a de me orientar como proceder, ser a facilitadora nesse processo, conversando comigo não durante minha aula, mas em sua sala, com o objetivo de me ensinar a corrigir minha forma de trabalho educativo.

Quando o meu contrato com a prefeitura findou, no final daquele ano de 1994, não o renovei porque decidi que nunca mais voltaria a dar aulas. Porém, no ano de 2000, minha mãe questionou-me sobre minha decisão de não mais trabalhar com educação e porque eu estava desempregada, à época. Para minha mãe, se eu havia estudado deveria estar exercendo a profissão de meu curso. Ela incentivou-me a procurar mais uma vez a Secretaria de Educação de Goianinha.

Então, fui à Secretaria de Educação. Consegui uma vaga e no dia 02 de março de 2000, voltei ao exercício da docência, na Escola Municipal Luiz Gonzaga Barbalho Neto, no Sítio Pitombeira, zona rural de Goianinha. Nessa escola trabalhei por 12 anos, ou seja, até 2012. Pouco a pouco fui adquirindo mais experiência, construindo minha história como docente, aprendendo com meus colegas de profissão, conquistando o respeito dos pais, dos alunos e de todos da escola. Durante o período em que trabalhei nessa escola, lecionei nas séries iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil.

Minha experiência como professora com crianças de faixa etária entre quatro e cinco anos, aconteceu porque uma colega havia sido aprovada no concurso do município de Canguaretama, RN, e foi convocada após o início do ano letivo. Porém, só havia vagas para o turno vespertino, o mesmo turno no qual ela lecionava, em Goianinha. Assim, ela precisava trocar de turma com alguém do turno matutino. Todas as suas tentativas haviam falhado, então ela me procurou para propor a troca. Eu prontamente aceitei. Mas, nunca havia realizado nenhum treinamento para desenvolver um trabalho eficaz com a Educação Infantil e os conhecimentos que eu tinha eram apenas os do senso comum. Não compreendia nem sequer, a importância da rotina para o desenvolvimento da criança, já que ela aprende através das suas vivências, de suas relações com o meio e com outras pessoas.

Sempre gostei de participar de formação continuada, oficinas, tudo o que me ajudasse a adquirir conhecimentos porque acredito que para acontecer uma aprendizagem efetiva, o professor deve estar buscando novos conhecimentos e se atualizando em cursos. Também, penso que deve ser um mediador do processo educacional com comprometimento e dinamismo, seja pesquisador e crítico reflexivo e, só assim, será capaz de construir saberes que envolvam tanto teoria quanto prática.

Sendo assim, quando a Secretaria Municipal de Educação de Goianinha, em cumprimento às leis educacionais, abriu as inscrições para os cursos eu me

inscrevia, de forma que fiz a formação continuada nos Parâmetros Curriculares nacionais em Ação (PCN em Ação), o Pró-letramento em Língua Portuguesa e em Matemática e o Plano Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), enfatizando a alfabetização e o letramento, sendo esse último mais recente.

No ano de 2013 fui transferida para a Escola Municipal Dr. João Batista Gadêlha do Espírito Santo, localizada no bairro em que resido hoje, e nessa escola permaneço até os dias atuais. No decorrer de minha trajetória como docente já houve momentos que pensei em desistir da profissão, devido a grande responsabilidade que repousa sobre o professor. Os desafios são gigantescos. Quando me deparo com alunos que não sentem a necessidade de aprender e eu tento de todas as formas e não tenho êxito, sinto uma sensação de *fracasso*. Isso me entristece muito. Para suprir essa realidade difícil, procuro conhecer a história de vida de cada um que manifesta o desejo em não aprender; converso com a família; realizo atendimentos individualizados; busco o apoio da coordenação escolar e quando necessário, encaminho-os para profissionais especialistas tais como: psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, etc.

Infelizmente, nem sempre obtenho êxito, principalmente com aqueles que são repetentes e que estão fora de faixa, porque se sentem desestimulados e em alguns casos, sentem-se envergonhados. Procuro observá-los no decorrer das aulas para descobrir qual é o conteúdo/conhecimento que dominam para servir de ponto de partida. Além disso, utilizo pequenos textos que colabore para que se sintam capazes, confiantes e motivados sem que possam se sentir expostos.

Penso, realmente, que o trabalho do professor atrelado a um sistema escolar que já não dá conta das necessidades do alunado, é quase uma missão impossível. Mas, como dialoguei com minha orientadora sobre essa difícil realidade, ela falou sobre o êxito da escola da Ponte⁶, em Portugal, na qual os alunos é que escolhem os professores de acordo com o conhecimento que desejam estudar – talvez fosse um bom caminho para o sistema educacional público brasileiro. Quem sabe?

⁶ **A Escola da Ponte** é uma instituição pública de ensino localizada em Portugal, no distrito do Porto, e dirigida pelo educador, especialista em música e em leitura e escrita, José Pacheco. Lá, os alunos não são divididos em classes nem em anos de escolaridade. Portadores de necessidades especiais dividem o espaço com os outros alunos, sendo a biblioteca o local central da escola. Cada aluno e a maioria dos orientadores educativos são responsáveis por algum aspecto do funcionamento da escola e estes últimos acompanham todos os educandos e trabalham para que conquistem sua autonomia, compreendendo o porquê e o para quê estudar. (Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-ponte.htm>)

5 CURSO DE PEDAGOGIA NO IFESP (2011-2015)

No ano de 2009 fui inscrita por uma amiga, Iliane da Silva Barbosa, na Plataforma Freire - PARFOR⁷, programa emergencial destinado a professores em exercício que ainda não tinha formação superior, mas infelizmente não obtive a validação da Secretaria Municipal de Goianinha. No ano seguinte, em 2010, quando foram abertas as inscrições, minha amiga me inscreveu novamente e, para a minha alegria, minha matrícula foi validada pela secretaria, e fiquei à espera do contato da instituição que ofereceria o curso de Pedagogia-Licenciatura. Concorri às vagas no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy⁸ (IFESP), pois tive boas referências dessa instituição.

O IFESP tem uma importante e bela participação na história da educação do Estado do Rio Grande do Norte, e está relacionada à fundação da Escola Normal de Natal, ocorrida no ano de 1908. Hoje, o IFESP atua com a formação acadêmica há pelo menos vinte anos, formando educadores que, em sua grande maioria, atuam como professores em exercício, ou em cargos de coordenação e direção em escolas públicas estaduais e municipais. Portanto, tem uma forte influência para com a prática pedagógica que acontece hoje, no contexto do Estado do Rio Grande do Norte.

Hoje têm em seus quadros, alunos matriculados no curso regular de Pedagogia, nos cursos de Licenciatura em: Matemática, Letras e Pedagogia, através do PARFOR, sendo este último, oferecido pelo IFESP em convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ainda, esta Instituição Superior oferece Cursos de Especialização Lato Sensu.

Após ter sido selecionada, aguardei contato e quando esse aconteceu, realizei minha matrícula. Lembro-me de minha ansiedade, porque a maioria dos professores de meu município já tinham licenciatura ou já estavam em fase de conclusão e eu estava sentindo a necessidade de fazer uma graduação, porque estava percebendo que as discussões nos encontros de professores atingia um nível

⁷ PARFOR: na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES.(disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>)

⁸ Disponível em: <http://www.ifesp.edu.br/ik/index.php/artigos/destaque/seja-bem-vindo-ao-ifesp>
acesso em 09/08/2015 às 7:06 AM

que eu não alcançava, por mais que participasse de formações continuadas, tais como: PCN em Ação; Pró-Letramento; dentre outros cursos oferecidos pela Secretaria de Educação do Município de Goianinha, percebi que faltava-me adquirir novos conhecimentos na área da educação.

No início do curso de Pedagogia, enfrentei muitos obstáculos. A princípio, assistia às aulas do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica) em apenas dois dias da semana: às sextas-feiras e aos sábados, no turno diurno. Por princípios religiosos guardo o sábado e conseqüentemente não participava das aulas aos sábados. Isso me trazia certo prejuízo, mas minhas colegas me auxiliavam, e, também, contei com a compreensão de muitos dos professores, até o momento em que fui reprovada em uma determinada disciplina. Após minha situação haver sido apresentada e discutida pelo colegiado desta instituição, fui transferida para o sistema regular, no segundo período do curso, turno vespertino, no qual permaneci até a conclusão desse curso.

Outras dificuldades que enfrentei foram referentes à aprendizagem, pois, já estava fora da sala de aula há 18 anos e sentia-me muito insegura, por esse motivo, não participava das discussões, era apenas ouvinte. Ficava admirada com a desenvoltura de algumas colegas, ao se colocarem diante dos temas abordados. Outro motivo de me abster das discussões era devido à dificuldade em me expressar, pois, para isso é necessário articular o pensamento com clareza, empregar os verbos e concordâncias de forma adequada. Muito embora, hoje já se atribua à língua falada a importância que antes lhe era negada, contudo, em um espaço acadêmico, deve ser empregada a língua padrão normatizada.

A disciplina de Tópicos Linguísticos foi muito significativa para mim, porque me proporcionou muito aprendizado sobre as questões linguísticas e também, levou-me a refletir sobre a prática docente, que por não compreender os aspectos da linguística, muitas vezes desrespeitei os meus alunos no que se refere à oralidade desses, por achar que eles falavam *errado*, quando na verdade eles apenas não seguiam a norma culta. Não podemos considerar “falar certo” ou “falar errado”, na verdade podemos dizer que a pessoa fala de forma “adequada” ou “inadequada”, dependendo do contexto de uso dessa, ou seja, não fala como rege a norma culta em ambientes que dela necessite – a norma culta é uma das variantes linguísticas. (BAGNO, 1999)

É muito importante trabalhar a criança em sua totalidade respeitando cada fase do desenvolvimento infantil e suas especificidades. Ao conhecer as características de cada faixa etária, é possível compreender que cada um tem o seu ritmo de aprendizagem. É necessário valorizar e respeitar seus sentimentos, emoções, diferenças sociais e culturais, e assim, se sentirão mais motivados a frequentar a escola. Também devemos levar em consideração o ambiente em que convivem, pois, para aquelas que desde seus primeiros meses de vida já tem contato com a cultura escrita poderão se interessar um pouco mais pelo universo de leitura e escrita e conseqüentemente terão mais domínio da norma padrão do que aquelas que vivem em um ambiente mais coloquial.

A escola da atualidade deve se reencantar. Para que isso aconteça, é preciso que a educação seja focada na corporeidade, que desenvolva a sensibilidade dos indivíduos, ou seja, educar no *sentipensar*. Dessa forma,

Educar no sentipensar é educar em valores sociais, em convicções, em atitudes crítico-constructivas e em espírito crítico. É educar o outro na justiça e na solidariedade. É formar na ética e na integridade. É educar não somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas sobretudo para a “escuta dos sentimentos” e abertura do coração”. É educar para a evolução da consciência e do espírito, para que o ser humano atinja um estado de plenitude, onde já não será mais preciso reprimir ou negar a experiência da comunhão, a experiência do coração, a experiência do sagrado, reprimidas durante séculos em nome da chamada ciência (MORAIS e TORRE, 2007, p. 16).

Como educadores devemos sempre estar revendo nossa prática pedagógica, ensinando valores como cooperação e respeito por meio da vivência, trabalhando o emocional dos educandos, porque são as emoções que movem as ações para atingir as transformações necessárias à formação do indivíduo crítico-reflexivo.

Podemos perceber diariamente, as transformações na educação. O ensino da Arte tem alcançado uma nova visão, pois, já não é mais vista apenas como uma mera distração e sim como meio de desenvolver a criatividade, a sensibilidades, a aprendizagem, ela é tão importante quanto qualquer outra disciplina, pois, através dela, as crianças desenvolvem conhecimentos e habilidades.

O ensino da Ciência, por sua vez, oportuniza à criança uma maior compreensão do mundo e a perceber-se como ser agente de transformação, reconhecendo-se integrante do universo. Para que o ensino da Ciência atinja seus objetivos, o professor precisa buscar novos conhecimentos, para ter o pleno domínio da matéria a ser ensinada, desenvolvendo atividades criativas e inovadoras, tais como: observações, comparações, problematizações, registros e experimentos.

O ensino da Geografia era voltado para a memorização sem preocupar-se em formar cidadãos críticos e participativos, e sim, pessoas que pudessem dar a sua vida pela pátria. No entanto, atualmente podemos perceber uma nova prática, novas metodologias são utilizadas em sala de aula que priorizam a participação do educando na construção dos saberes, os conceitos fundamentais da geografia: paisagem, região, espaço, lugar e território são trabalhados partindo da vivenciado aluno, o que torna a aprendizagem mais significativa.

O Estágio Supervisionado - ES é um cumprimento à exigência da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96 nos cursos de formação de professores. No entanto, é muito mais do que o cumprimento de exigências acadêmicas legais, é uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, pois, contribui para um maior aprofundamento teórico-prático que nos possibilitem vivenciar situações e experiências práticas para o aprimoramento de nossa formação profissional. Esse dispositivo

[...] não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente. ...Deve, sim, assumir a sua função prática, reservada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de responsabilidades de abertura para mudanças (KULCSAR, 1994, p. 65).

Realizei todos os meus quatro estágios em dupla, com minha amiga Shirley Galdino de Oliveira. O Estágio Supervisionado – I, com o objetivo de desenvolver a inserção na Educação Infantil, foi realizado em uma sala de aula de Nível V, no Centro Infantil Municipal Prof^a Ivone Maria dos Santos, no centro de Parnamirim. Pude perceber que o brincar está sempre presente por ser de extrema importância para a formação psicossocial da criança. Através de atividades lúdicas o professor pode ter uma visão dos processos de desenvolvimento da aprendizagem de cada criança.

O Estágio Supervisionado II, foi realizado no Ensino Fundamental – séries iniciais, numa turma de 5º ano, na Escola Municipal Presidente Arthur da Costa e Silva em Parnamirim-RN. A professora desenvolvia um trabalho excelente, preocupava-se em formar cidadãos críticos e participativos, sempre instigando os alunos por meio da discussão e reflexão a fim de prepara-lo para o exercício da cidadania de maneira consciente e ativa.

Vivenciar essa fase foi uma experiência enriquecedora, ímpar, para a minha formação. Ver a professora atuar como mediadora, como facilitadora do aprendizado me fez refletir sobre a minha prática e senti a necessidade de reformular o meu fazer pedagógico.

O terceiro Estágio dirigiu-se para a Gestão Escolar, foi realizado na Escola Estadual Professor Antônio Basílio Filho, Ensino Fundamental e Médio, em Parnamirim onde desenvolvemos o Plano de Ação para a Biblioteca Escolar, com a finalidade de despertar tanto professores, como alunos, a utilizarem o acervo disponibilizado na biblioteca daquela escola e, em especial, a Literatura Brasileira e seus autores. Percebemos a necessidade de organizar aquele espaço, e torná-lo mais atrativo e acolhedor.

Conseguimos despertar a curiosidade dos alunos, os quais passaram a visitar a biblioteca com mais frequência. Esse projeto foi bem aceito pela comunidade escolar, alcançando dois turnos: matutino e vespertino, e os professores continuaram com esse trabalho iniciado por nós, o que nos deixou muito satisfeitas.

O ES – IV aconteceu em um espaço não escolar. Esse foi o mais marcante porque ocorreu no Centro de Educação Especial – CEESP, mais conhecido como Centrinho, realidade totalmente distinta da que eu conhecia. Muitos dos alunos que lá são atendidos não estão inseridos em uma escola regular, porque foram sendo promovidos de séries durante a infância e quando chegaram à adolescência precisaram ir para a Educação de Jovens e Adultos – EJA devido a sua idade avançada para o ensino regular, porém, as mães não aceitam que eles frequentem as aulas no turno noturno. Assim, eles deixam de frequentar a escola, o que lhes é um direito assegurado pela lei, e permanecem com os atendimentos no Centrinho.

Os momentos que passei no Centrinho me fizeram refletir sobre a questão da inclusão. Será que ela realmente ocorre em nossas escolas da rede pública? O que acontecerá com os alunos especiais que hoje frequentam a escola regular? Onde estarão no futuro? Estão realmente sendo preparados para terem autonomia? São

tantas as questões, que como professores, precisamos estar sempre refletindo! É bem verdade que já avançamos muito em relação à inclusão, mas temos um longo caminho a percorrer e muito que melhorar nesse aspecto.

O estágio é muito importante para a formação docente, porque, por mais que eu já tenha algumas experiências na docência, o que vivenciei nos estágios me proporcionou muita aprendizagem, o que naturalmente me levou a refletir sobre minhas práticas.

Posso registrar, sobre meu percurso no IFESP, que foram quatro anos vividos com muita intensidade, em que a cada dia eu era desafiada a superar meus próprios limites, para isso precisei me dedicar a estudos, pesquisas, dialogar com os autores trabalhados e fazer a autorreflexão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desse memorial foi para mim uma grande conquista, um ato de superação. Por alguns momentos cheguei a duvidar que eu conseguisse, porque tinha que fazer uma retrospectiva, voltar ao passado, lembrar fatos os quais haviam se perdido no tempo da memória, mas para isso pude contar com a ajuda de meus pais e de minha primeira professora. As memórias da infância e juventude vieram acompanhadas de muita emoção.

Cursar Pedagogia, no IFESP, fez grande diferença, porque os estudos, discussões e reflexões são voltadas para a formação de um pedagogo pesquisador, reflexivo sobre a prática docente, comprometido com o processo de ensino-aprendizagem, voltado para a construção do saber, considerando o aluno em sua totalidade, valorizando as peculiaridades de cada um, partindo sempre dos conhecimentos prévios do mesmo, e isso me proporcionou adquirir muitas aprendizagens.

Foram muitos os desafios enfrentados em minha trajetória acadêmica, tais como: cansaço; tristezas; incertezas. Muitas vezes cheguei às 20h, em meu lar. Por muitas vezes o transporte quebrava e tínhamos que ficar à beira da estrada, esperando que fosse providenciado outro, para nos levar de volta, por causa disso, alguns dias eu chegava às 22h30. Porém, nunca pensei em desistir, porque tinha a graduação como um objetivo de vida, por reconhecer essa como sendo necessária para o meu crescimento pessoal e profissional. Com os estudos das teorias, das metodologias diversificadas empregas pelos professores formadores, compreendi que meu fazer pedagógico não pode ser dissociado da pesquisa.

Sinto-me vitoriosa por ter chegado ao fim, orgulhosa por ter alcançado essa conquista, porém, o curso de Pedagogia - Licenciatura não é o fim do caminho, mas apenas o primeiro “passo” de minha jornada acadêmica, pois, prosseguirei na busca por novos conhecimentos que me aperfeiçoarão quanto ao meu exercício da docência.

O que sei é pouco diante da imensidão dos conhecimentos que estão a nosso dispor. “Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei”. (FREIRE, 1996, p. 106). Neste sentido, não dou por encerrada a minha formação, mas sinto-me realizada por essa grande conquista.

REFERÊNCIAS:

- ALARCÃO, Isabel: **Professores reflexivos em uma escola reflexiva/** Isabel Alarcão. – 4. Ed.- São Paulo, Cortez, 2005. – (Coleção Questões de Época; 103)
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 21. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BINET, Alfred. **Ideias modernas sobre as crianças = Les idées modernes sur les enfants.** Paris: Flammarion, 1973, p.232.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física – 1º e 2º ciclos.** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CRÉPIEUX-JAMIN, J. ABC de la graphologie. Puf, Paris, 1997. // [www. Grafoanalysis.com/velocidade_escritura.pdf](http://www.Grafoanalysis.com/velocidade_escritura.pdf) acesso em 19/04/2015 às 13:54.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêia de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 1999. – 2. Ed. – (coleção de magistério segundo grau. Série formação de professores).
- FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: atual, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 16 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).
- GRISI, Roseni N. F. **Natação para Bebês: uma abordagem psicológica das relações pais e filhos no processo ensino-aprendizagem.** Monografia (Especialização em Ciência da Natação e Hidroginástica) Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1994.
- HAGE, Salomão Mufarrej. A realidade das Escolas Multisseriadas frente às conquistas Legisla o Educacional. In: **Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED: Educa o, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos manifestos.** Caxambu: ANPED, 2006.
- KULCSAR, Rosa. **O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora.** In PICONEZ, Stela C. B. (org.) A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. 2ª edi o. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- LEITE, Y. U. F.; GHEDIN, E.; ALMEIDA, M. I. **Forma o de professores: caminhos e descaminhos da prática.** Brasília: Líber Livro Editora, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organiza o e gestão da escola: teoria e prática.** Goiânia: Alternativa, 2004.

MELO, Luciana; VELLE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil**. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 23, n.40, p.43-48, jan./mar. 2005.

MORAES, Maria C., TORRE, Saturnino de La. **Sentipensar sob o olhar autopoietico: estratégias para reencantar a educação**. 2007.

MORTATTI, M. R. L. **Alfabetização**. In: Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril Ltda, ano XXI, n.197, p.55-58, nov./2006.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil** (2006). disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf acesso em 14/04/2015 às 17:16.

NUNES, Lima Cardoso. **Espaço Mágico a Relação a Professor Aluno desencadeia a Aprendizagem**. AMAE Educando. Belo Horizonte, n.252, jun.1995.

Organização Internacional do Trabalho: **Combatendo o trabalho infantil: Guia para educadores/IPEC**. – Brasília: OIT, 2000.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memória de formação: quando as memórias narram a história da formação. ...In: PRADO, Guilherma; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**; revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005.

SCHULLAN, Ana Lúcia. **Secretaria da Educação atualiza profissionais do setor administrativo das escolas públicas**. Disponível em: <<http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br>>. Acesso em: 17abr. 2006. http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/arquivos/File/artigos/educacao/gestao_escolar_sob.pdf. Acesso em 28/04/2015 às 05:40.

Tiba, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 41ª ed. São Paulo; Gente, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In. _____. **A formação social da mente**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.